

Encarte Especial



Devolvam nossa previdência! Fora Temer e seus ataques!

Chamadas de “Reforma da Previdência” e “Reforma Trabalhista” para dar ares inofensivos, medidas são retiradas de direitos e conquistas dos trabalhadores brasileiros

Lula submetido e inimigo dos servidores

PÁG 3



Os caminhos da Revolução Chinesa

PÁG 6



Liberdade e Luta nos atos #ForaTemer

PÁG 5

Assine um jornal proletário e independente



Foice & Martelo

Análises marxistas sobre os temas atuais, sempre voltadas ao interesse da classe trabalhadora.

Acesse www.livrariamarxista.com.br ou www.marxismo.org.br e assine!

10
edições R\$30

15
edições R\$45

20
edições R\$60

40
edições R\$120

Quem Somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização revolucionária de luta pelo socialismo.

Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), participamos em todo o mundo da luta pela abolição do capitalismo e pela República Socialista Universal dos Conselhos.

Lutamos contra a colaboração de classes dos reformistas. Mas, nada temos a ver com os ultraesquerdistas que se dedicam ao divisionismo e ao denunciamento impotente.

Nós lutamos pela unidade e pela independência política da classe trabalhadora. Nosso objetivo é ajudar os trabalhadores e a

juventude revolucionária a construir um partido operário revolucionário e socialista de massas.

A Esquerda Marxista dirigiu as ocupações de fábricas no Brasil lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores. Lutamos por Transporte, Saúde e Educação Públicos e gratuitos para todos. Pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude. O capitalismo e seus partidos são nossos inimigos. Lutamos pela revolução e pelo socialismo.

POLÊMICA

Diretas Já e seu significado em 2016

LUCY DIAS
dlucy.1917@gmail.com

Com o afastamento definitivo de Dilma Rousseff, a direção do PT, da CUT, do MTST, das Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo dão um giro saudosista e resgatam a palavra de ordem das “Diretas Já”. No passado, essa pauta mobilizou milhões contra a Ditadura Militar que, pelo voto indireto do Colégio Eleitoral, mantinha o regime contra a classe trabalhadora e a juventude. As “Diretas Já” em 1983-84 representavam



Grupos ligados ao PT agitam proposta, sem sucesso até agora

uma reivindicação transitória num momento histórico que as liberdades democráticas eram caçadas ferozmente.

Em 2016, as “Diretas Já” não assumem a mesma forma, nem conteúdo. O movimento operário não

reconhece hoje dirigentes e organizações capazes de gerar grandes enfrentamentos contra a burguesia e seus ataques, verdadeiros representantes de classe e de massas que ajudem a classe trabalhadora e sua juventude a se desprender dos aparelhos burocráticos.

Mas o PT e seus aliados sabem muito bem disso e agitam essa consigna para manutenção de seus postos nos movimentos sociais e das instituições do Estado burguês. E pior: depois do show de horrores que colo-

cou o Congresso Nacional para milhões de brasileiros verem sua podridão, que em nada representa a classe trabalhadora, agitar “Diretas Já” obviamente livra a cara desse Congresso de corruptos e inimigos do povo.

Esses dirigentes reformistas e oportunistas resgatam as “Diretas Já” para canalizar a luta da classe trabalhadora para o campo inimigo das eleições, sob a desculpa muito sedutora de tirar o ilegítimo Michel Temer. Usam esta consigna também para preparar o terreno para Lula

em 2018, mas o oxigênio dos reformistas acabou com a crise mundial e nacional.

Os trabalhadores e a vanguarda da juventude seguem com seus métodos de luta, sem confiança nos traidores do movimento operário e na burguesia. Trotsky dizia que a crise do movimento operário é a crise de suas direções. É hora de organizar novos instrumentos de luta sob um eixo independente de classe. A auto-organização da classe operária é a única saída na luta pela sua plena emancipação.

Liberdades democráticas para derrubar a democracia burguesa

JOHANNES HALTER
haltercontato@gmail.com

Como um saco sem fundo, usar a palavra democracia sem critério permite que se coloque tudo dentro. A burguesia brasileira e internacional, ao descrever o regime político brasileiro como democrático, quer apresentá-lo como propício para que o povo exerça o poder.

Mas se avaliamos uma pessoa pelo que ela faz, e não por

seus títulos, veremos o sistema governamental brasileiro como uma ditadura de uma classe sobre outra. Contudo, hoje esse sistema concede algumas liberdades democráticas, que são ameaçadas em tempos de crise.

A reforma política defendida por boa parte da esquerda no Brasil concebe que esse sistema possa ser aperfeiçoado. Entendem que, sim, vivemos em uma democracia, mas com

algumas imperfeições. Ignoram o caráter capitalista de todas as instituições e canais políticos mantidos na República formada em 1985.

Propomos uma luta para obrigar a burguesia a conceder liberdades democráticas, mas sem espalhar ilusões em um ideal estado democrático de direito, que corresponde a nada mais do que outra forma de estado capitalista. Quem faz isso são os utópicos re-

formistas e oportunistas, que acreditam em um impossível futuro histórico dentro do capitalismo.

Queremos total independência política para defender a revolução socialista. Exigimos a liberdade para formação de partidos políticos. Combate-mos a ideia de o Estado financiar as siglas. Cada agremiação deve ser mantida pelos seus próprios membros, e contar apenas com suas forças.

Foice & Martelo

CONSELHO DE REDAÇÃO
Serge Goulart, Alex Minoru,
Johannes Halter e Riobaldo
Tartarana.

EDITOR
Johannes Halter

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Rafael Prata MTB nº 40040/SP

DIAGRAMADOR
Evandro Colzani

jornal@marxismo.org.br
www.marxismo.org.br

Rua Tabatinguera, 318, Centro
São Paulo/SP - CEP: 01020-000
Fone: (11) 3101-8810

EDITORIAL

Criminalizado por convicção, Lula propõe mais submissão

ESQUERDA MARXISTA
jornal@marxismo.org.br

Em coletiva de imprensa convocada pelo Ministério Público Federal no dia 14/9, o procurador da República Deltan Dallagnol falou por pouco mais de uma hora sobre os motivos que o levam a crer que Lula é o comandante do esquema de corrupção investigado pela operação Lava Jato.

No dia seguinte, Lula convoca uma coletiva e apresenta a sua defesa. A denúncia do MPF carece de embasamento e recorre à “convicção” de que Lula é o “chefe”, “comandante máximo”, “maestro” de uma “propinocracia”. O espetáculo montado e a falta de provas são alvos de críticas, inclusive, de comentaristas burgueses.

A verdade que se esconde por trás do “show” promovido pelo MPF é que o objetivo dessa operação não é combater a corrupção, mas sim mirar em Lula e no PT para atingir o conjunto da esquerda, desmoralizar e criminalizar os movimentos sociais, o movimento sindical, a luta da classe trabalhadora e da juventude. Esse é o real sentido do cerco a Lula,

assim como foi o julgamento do chamando “mensalão”, pelo STF, com condenações sem provas.

A lógica de que “não temos prova, mas temos convicção”, cabe perfeitamente para inúmeros casos de prisão e condenação de militantes e manifestantes. O que avança é um totalitarismo do Judiciário para coibir, junto com a repressão policial, as mobilizações populares.

Não se trata de defender a inocência de Lula. Ele e o PT se adaptaram ao jogo do poder das podres instituições burguesas. Mas quem tem o direito de condenar Lula e os dirigentes pelegos é a classe trabalhadora, não essa justiça burguesa.

Reformismo, doença mortal

Mesmo diante de todos os ataques, Lula e o PT seguem defendendo as instituições, seguem tentando se apresentar como melhores servidores do capital do que Temer ou qualquer um dos pretendentes ao posto.

Lula, inclusive, defende os políticos corruptos e ataca os servidores públicos ao dizer:

“... a profissão mais honesta é a do político, sabe por quê? Por que todo ano por mais ladrão que ele seja, ele tem que ir para a rua encarar o povo e pedir voto. O concursado não, se forma na universidade, faz um concurso e está com emprego garantido para o resto da vida”. O sentido desse “deslize” é a adaptação de Lula ao sistema e seu desprezo pelos servidores, usando uma esdrúxula comparação a políticos aos moldes do jargão usado pelos cabos eleitorais de Ademar de Barros “rouba, mas faz”.

A repressão nas ruas

Se nos tribunais segue a caça a Lula e ao PT, nas ruas os manifestantes têm sentido na pele a repressão nas manifestações pelo “Fora Temer”. Embora a polícia tenha contido suas ações por medo de uma revolta generalizada contra a brutalidade policial.

Tudo que foi possível utilizar como argumento foi usado ao limite. Mesmo em manifestações sem a presença de Black Blocs, como a de 4 de setembro em São Paulo, a PM deliberadamente decidiu dispersar os manifestantes. A covardia foi tamanha que, mesmo quando



Beto Barata/PR

Em ato convocado para Lula se defender, ele buscou se mostrar servo fiel

os participantes se retiravam no Largo da Batata, receberam bombas em suas costas.

A violência e o Estado

Lenin em sua obra “Estado e a Revolução” descreve o Estado como uma força com poder coercitivo. “Esse poder público existe em todos os Estados. Compreende não só homens armados, como também elementos materiais, prisões e instituições coercitivas de toda espécie...”.

O Estado e seus braços (Executivo, Legislativo, Judiciário, Forças Armadas, polícias, etc.) estão a serviço de uma classe, a burguesia.

Na atual situação, a credibilidade desses poderes está

abalada. Reprimir as manifestações duramente, por exemplo, pode ter um efeito contrário e, como em 2013, ser a gota d’água para explodir uma revolta de massas.

Apesar da traição das direções tradicionais e dos ataques do atual governo, a classe trabalhadora e a juventude não estão derrotadas e mantêm muita disposição de luta. É preciso construir uma saída para a nossa classe. É preciso construir uma unidade em defesa de nossos direitos e conquistas, derrubar Temer e o Congresso Nacional, construir uma assembleia popular nacional constituinte e um governo dos trabalhadores.

NACIONAL

Ampliar a greve para derrotar os banqueiros!

RAFAEL PRATA
rafaelprataem@gmail.com

Até o final desta edição, nada foi resolvido em relação à greve dos bancários. A última proposta da FENABAN, de reajuste de 7% mais abono de R\$ 3,3 mil, foi rejeitada nas assembleias.

Depois disso, houve mais duas rodadas de negociação, porém a FENABAN insiste na mesma proposta! O Comando Nacional dos bancários está sendo enrolado. Por isso afirma que é preciso ampliar a greve, mas não diz como e continua esperando pela próxima reunião.

Enquanto isso, os bancos partem para o ataque. Práticas antissindicais estão sendo implementadas por

todo o Brasil, como relata o presidente da Contraf/CUT, Roberto von der Osten: “... a nossa greve sofreu desrespeitosos ataques por todo o Brasil. Ameaças e pressões buscaram fazer com que os grevistas encerrassem seu protesto contra a ganância dos banqueiros. Não foram ações isoladas. Foi uma retaliação organizada pelos bancos pela recusa dos bancários e bancárias em aceitar resignadamente a redução dos seus salários”.

No Complexo BB do Bonfim em Campinas, por exemplo, vários bancários lotados no Escritório Digital ou na Gestão de Pessoas foram deslocados para outras unidades e, por duas vezes, o CSO Valores armou esque-



mas para furar o piquete, sem sucesso por enquanto.

Para não sermos derrotados, a única saída é convocar os bancários para as assembleias, explicar a situação e a responsabilidade do governo Temer e eleger comandos de greve para garantir a maior participação possível dos trabalhadores. Além disso, ainda há tempo de unificar com outras categorias, como petroleiros e metalúrgicos!

(Re)privatizações e anúncio de novos leilões

FÁBIO RAMIREZ
fabiobrunoramirez@gmail.com

O governo ilegítimo de Michel Temer (PMDB) anunciou que vai relanciar privatizações feitas por Dilma Rousseff (PT). O governo fazia o investimento inicial. Depois, abria-se a licitação (ou leilão), e o próprio governo dava o dinheiro para as empresas comprarem o serviço público. Houve casos que capitalistas organizaram cartéis para ninguém se apresentar na licitação e exigiram que o governo elaborasse um novo edital, com mais bondades.

No entanto, grande parte dos empréstimos não foram cumpridos e muito menos os contratos que estabeleciam

metas de melhoria de serviços à população. O correto seria o governo suspender esses acordos, multar e expropriar essas empresas caloteiras do dinheiro público. Mas não. O governo Temer irá restituir essas empresas, para distribuir novamente os serviços que elas detinham.

E um novo projeto de 34 privatizações, esse anunciado por Temer, destina R\$ 32 bilhões de dinheiro público em crédito, com uma pretensão de arrecadação de R\$ 25 bilhões. Ou seja, um saldo negativo em R\$ 7 bilhões. É por isso que não existe “um país de todos” ou um governo para todos. O Estado sempre está a serviço dos capitalistas, e nas privatizações não é diferente.

EDUCAÇÃO

Um indicador falho para avaliar a educação no Brasil

RENATO VIVAN
renato_vivan@yahoo.com.br

No dia 8 de setembro foi publicado, pelo Ministério da Educação (MEC), o resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) 2015. O levantamento, divulgado a cada dois anos, consiste em um sistema de avaliação de larga escala que tem como

finalidade mensurar a qualidade da educação no país, através de uma base de cálculo que leva em conta as notas de português e matemática e os números de reprovação e evasão do ensino fundamental e médio.

O ensino fundamental, séries iniciais (1º ao 5º ano), foi a única etapa da educação básica que obteve, na média nacional, resulta-

do superior (5,5 pontos) à meta estabelecida (5,2 pontos). O ensino fundamental, séries finais (6º ao 9º ano), ficou 0,2 abaixo da meta estipulada de 4,7 pontos. Já o ensino médio obteve o pior resultado (3,7 pontos), ficando 0,6 pontos abaixo da meta de 4,3.

O IDEB é um instrumento deficitário que revela muito pouco sobre a real situação educacional do país e serve basicamente para ranquear e estabelecer comparativos entre as escolas, pois seus resultados são pouco utilizados para orientar ações estatais destinadas a ampliar o acesso e melhorar a qualidade da educação pública.

As variáveis utilizadas (nota de português e matemática e reprovação e evasão) não permitem um diagnóstico preciso da qualidade educacional de nosso país. Precisam ser levadas em conta no momento em que a educação é avaliada a condição social e econômica que vivem as famílias dos estudantes, as políticas



estabelecer a pontuação obtida por cada escola, município e estado. A pontuação é resultado da relação entre fluxo (reprovação e evasão) e a aprendizagem (nota de português e matemática). Com a progressão automática, adotada por diversos municípios e estados, o fluxo tem melhorado, mas não necessariamente a aprendizagem.

Lutar por uma educação pública, gratuita e para todos!

Em época de eleição muitos candidatos utilizam a nota do IDEB para defender ou criticar gestões responsáveis pelos resultados. Sabemos que o que falam não passa de "papó furado". Não temos ilusões na democracia burguesa. Estamos cientes que somente a luta independente dos trabalhadores e da juventude pode conquistar educação pública, gratuita, que permita a todos acessarem os conhecimentos historicamente produzidos e socialmente acumulados pela humanidade.



A Univille e os limites do Sistema Acafe

FABIANO FURLAN
jornal@marxismo.org.br

A Universidade da Região de Joinville (Univille) vem sofrendo com um altíssimo índice de ociosidade das cadeiras nas salas de aula. Segundo entrevista dada ao jornal A Notícia pela reitora da universidade, Sandra Furlan, a ociosidade da Univille chega a 40% das cadeiras das 165 salas e laboratórios. As principais motivações são as desistências e o não preenchimento de vagas.

A Univille faz parte do Sistema Acafe, sistema que tem seus fundamentos baseados no comunitarismo cuja origem remete às instituições religiosas europeias. Essas tinham o objetivo de



Uma das maiores universidades de Santa Catarina, Univille precisa ser federalizada

oferecer educação superior para leigos, que pagavam pelo ensino. No Brasil esse modelo teve influência no sistema educacional prin-

cipalmente dos estados do Sul, devido à colonização. Contudo, sua prática corresponde a uma instituição privada comum, com a dife-

rença de também utilizarem recursos advindos do Estado, embora cobre altas mensalidades.

Em Santa Catarina, cerca de 70% dos estudantes de ensino superior estudam em instituições do Sistema Acafe. Com as instituições comunitárias, o Estado alivia as pressões imediatas da falta de ensino superior; diminui os gastos públicos demandados pela população pobre; além de reduzir os recursos destinados à educação, já que as comunitárias são sustentadas também pelas mensalidades cobradas dos acadêmicos, cerca de 80%.

Atualmente, a Univille conta com 10.100 alunos distribuídos em 40 cursos de graduação, 30 de espe-

cialização, cinco mestrados e um doutorado. Segundo dados da entrevista, a receita de 2015 da instituição foi de R\$ 132 milhões. Isso representa um valor mensal médio de R\$ 1.089 por estudante. Ou seja, o valor médio está acima do salário mínimo nacional (R\$ 880).

Indiscutivelmente, as mensalidades são enormes barreiras para se chegar ao ensino superior. Por tudo isso, é que a federalização da Univille é tão urgente. Do lado de dentro das cancelas temos uma enorme estrutura subutilizada e do lado de fora, milhares de jovens que querem estudar.

**- Abaixo o Sistema Acafe!
- Por uma educação pública, gratuita e para todos!**

JUVENTUDE

LIBERDADE E LUTA NAS RUAS PARA DERRUBAR TEMER E O CONGRESSO NACIONAL

EVANDRO COLZANI
evandrocolzani@gmail.com

Com a aprovação do impeachment de Dilma, no dia 31 de agosto, manifestações estouraram pelo país. Dos desanimados e apáticos atos “Volta Dilma”, vimos uma camada da sociedade disposta a lutar contra o atual e impopular governo. De todas as palavras de ordem, existia um grito que unificava todos que saíam às ruas, era o grito do Fora Temer!

Os atos na semana do dia 31 se espalharam pelas principais cidades do país. Começaram mais tímidos e sofreram com a repressão violenta da Polícia Militar. Até que, em São Paulo, no dia 4 de setembro cerca de 100 mil pessoas ocuparam a Avenida Paulista e marcharam até o Largo da Batata. O desenvolvimento da luta de classes no último período mostrou que a instabilidade e a imprevisibilidade são as marcas da atual situação política.

O governo Temer surge para atender aos desejos da classe dominante. Sua missão é fazer com que os trabalhadores e jovens paguem pela crise, sofrendo com o desemprego, aumento da jornada de trabalho, elevação da idade mínima para aposentadoria, cortes nos recursos de saúde e educação.

Foi para combater esse governo e suas ameaças que a Liberdade e Luta saiu às ruas. Estivemos presentes nos atos em Joinville, Florianópolis, Curitiba, Bauru, Campinas, Caieiras, Itatiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza e Salvador.

Em Florianópolis um ato com 20 mil foi reprimido pela PM ao fechar o acesso à ponte

Campos Salles. Em todos esses atos, militantes e apoiadores que participaram distribuíram panfletos, e dialogaram com jovens querendo discutir política ou se organizar para lutar por seus direitos. Nossos camaradas de cidades próximas de São Paulo (Campinas, Caieiras e Itatiba), estiveram na capital na maioria dos atos formando um bloco combativo.

A assembleia com mais de 20 mil pessoas em SP

Na tarde de 7 de setembro, um ato semi-espontâneo tomou as ruas da capital paulista e deu um recado para a população: a violência não vem daqueles que se manifestam.

Esse protesto foi convocado por uma página do Facebook chamada “Periferia Revolucionária”. As pessoas começaram a se aglomerar na Praça da Sé e, pouco depois da hora marcada para iniciar o ato, o local se encontrava repleto de independentes e grupos menores. Na maioria, os presentes eram jovens, ávidos por discutir política.

Todos se reuniram em assembleia, votaram por ir até a Paulista e decidiram que a faixa da Liberdade e Luta seria a frente do ato. A passeata subiu a Avenida Brigadeiro ao som de “Ai... ai, ai, ai... Ai, ai, ai, ai, ai, ai... Se empurrar o Temer cai” e, não menos importante, “Que coincidência, não tem polícia, não tem violência!”. Algumas motos da PM apareceram para fechar algumas vias, e um grupo maior de policiais se posicionou na Praça Roosevelt, mas não era o mesmo aparato policial dos atos anteriores ou o ostensivo aparato que acompanhou o ato do dia seguinte, que foi até a casa de Michel Temer.



Manifestação em São Paulo com 20 mil no dia 7 de setembro ocorreu simultaneamente a protestos por todo o Brasil

Na Paulista duas assembleias foram realizadas, em seguida a manifestação desceu a rua da Consolação e o protesto terminou na Praça da República.

Apesar da cobertura de vários canais de imprensa, esse ato não ganhou capa de jornal ou destaque na maioria das mídias. E onde ganhou, como na Mídia Ninja, a Liberdade e Luta desapareceu na edição e o ato parecia formado apenas por black blocs mascarados.

Na imprensa burguesa, a manifestação virou mais uma das várias ocorridas no 7 de setembro pelo país. O ato de SP foi um exemplo prático de que a violência vem da PM e da burguesia. Mostrar isso é perigoso, já que pode incentivar os que ainda estão indecisos em participar dos protestos a aderirem ao movimento.

Liberdade para lutar

A democracia burguesa é uma ditadura de classe, sempre disposta a usar da violência quando seus interesses econômicos são ameaçados. Nos dias 2 e 4 de setembro, prenderam um total de 26 jovens antes das manifestações iniciarem. Eles só foram soltos no dia 5 através de pressão popular.

Após o dia 4, a burguesia desesperada se viu em mais um dilema: reprimir ou não reprimir? E para evitar que suas bombas e cacetadas criassem um novo junho de 2013, decidiram acalmar os ânimos. Nos últimos atos começaram a prender manifestantes de maneira isolada e, curiosamente, acertam em cheio os que carregam “objetos perigosos”. Não podemos ser ingênuos, assim como em junho de 2013, há policiais infiltrados entre os manifestantes.

Generalizada ou

isolada, a repressão serve bem à burguesia. As manchetes dos jornais exibem com letras garrafais “Confusão”, “Depredação”, “Black Blocs”, e nas TVs, vemos fogo, pessoas sendo levadas pela PM, imagens que representam mais confusão.

A polícia é um aparato do estado burguês e serve para protegê-lo. Sua prioridade não é a segurança das pessoas, mas sim, da propriedade privada. Somente o povo pode garantir a sua própria segurança criando comitês de autodefesa. Por isso gritamos “Não acabou, tem que acabar. Eu quero o fim da Polícia Militar”.

Lutar pela Liberdade

Nesse período turbulento que vivemos, uma camada consciente da juventude desperta para a luta. Essa juventude quer mudar o mundo, não sabe ainda como fazer, mas fará o

que for preciso para transformá-lo. Porém, ela precisa das ideias corretas, das ideias socialistas, para guiá-la de maneira acertada no dia-a-dia até a derrubada desse sistema.

Mostrar que é possível e ajudar a abrir o caminho para construir a sociedade socialista é a tarefa da Liberdade e Luta. Chamamos cada jovem, estudante, trabalhador, para se juntar a nós nesse combate. O combate por um mundo novo.

- Fora Temer e o Congresso Nacional!
- Assembleia Popular Nacional Constituinte!
- Por um Governo dos Trabalhadores!



HISTÓRIA/FORMAÇÃO

ALEX MINORU
alexminoru.sp@gmail.com

Em 1º de outubro de 1949 era proclamada a República Popular da China. Neste artigo, retomaremos alguns antecedentes que vão culminar nesse evento histórico, que colocou um quarto da humanidade sob um novo regime.

A civilização chinesa possui raízes milenares, com avanços culturais impressionantes na antiguidade. No entanto, a China não se desenvolveu como um país capitalista. Isso criou as condições para a sua dominação pelos países imperialistas no século 19, com diferentes guerras que acabaram em derrotas e duras imposições à China. Foi o caso da Primeira e da Segunda Guerra do Ópio, da Guerra Franco-Chinesa, da Guerra Sino-Japonesa.

No início do século 20, a China encontrava-se dominada por potências estrangeiras, sob o governo de uma dinastia decadente e servil aos interesses do capital. Surge e ganha força o movimento republicano nacionalista, liderado por Sun Yat-Sen, que desemboca na Revolução Xinhai, em 1911, com a derrubada do regime dinástico e a proclamação de uma república “democrático-burguesa”.

Sun Yat-Sen constituiu o Kuomintang, partido nacionalista, e foi eleito primeiro presidente da China, tendo como objetivo o desenvolvimento econômico do país sobre bases capitalistas.

Mas as condições objetivas impedem isso. Em 1913, o general Yuan Shikai dá um golpe de Estado, com o apoio das potências estrangeiras, dissolve o parlamento e coloca o Kuomintang na ilegalidade. O general baseia seu poder na aliança com os chamados senhores da guerra,



OS TORTUOSOS CAMINHOS ATÉ A REVOLUÇÃO CHINESA DE 1949

líderes militares que comandavam, com seus exércitos particulares, vastos territórios da China. Abre-se então um período de fragmentação territorial e aprofundamento do caos social.

Em 1919, Sun Yat-Sen retorna de seu exílio no Japão e passa a reorganizar o Kuomintang. Institui uma nova república restrita ao sul do país, que ficou conhecida como a República de Cantão.

A Revolução Russa de 1917 tem seu impacto sobre a nação vizinha. Os ideais marxistas começam a ganhar adeptos na China. Em 1921, é fundado o Partido Comunista Chinês, por 12 delegados representando 57 membros.

Em 1924, tem início um levante contra o domínio dos senhores da guerra, o Kuomintang alia-se ao PCCh, com apoio dos soviéticos, e realiza a Expedição do Norte para unificar o país.

Mas a ascensão de Stalin na URSS e da teoria requeitada de alianças com as burguesias nacionais supostamente “progressistas” nos países atrasados resulta em uma aliança em que o PCCh fica a reboque do Kuomintang, sem uma po-

lítica proletária independente, chegando a se dissolver no interior desse partido burguês. O sucessor de Sun Yat-sen na liderança dos nacionalistas, o general Chiank Kai-shek, é convidado a ser membro honorário da Internacional Comunista.

Esta orientação traidora custa caro. Em 1927, um levante proletário em Xangai, encabeçado pelos comunistas, é massacrado pelo Kuomintang, que assassina milhares de revolucionários. Com a ruptura da aliança, a Internacional então gira para uma orientação esquerdista e aventureira, de levantes armados contra o Kuomintang, que passa a dominar o poder central na China, provocando novas baixas nas fileiras revolucionárias.

Os comunistas se refugiam no campo e formam milícias camponesas. Cresce a influência da teoria maoísta de que os camponeses, não os operários, seriam a cabeça da revolução. Uma revisão do marxismo e orientação oposta à proposta pela Oposição de Esquerda Internacional.

Chian Kai-Shek endurece a repressão contra as áreas controladas pelos comunistas. O agrupamento liderado por Mao, na província de Jiangxi, é forçado a bater em retirada, dando origem ao episódio que ficou conhecido como a “Longa Marcha”, iniciada em 1934.

As forças dos comunistas ficam extremamente reduzidas com a fuga para o noroeste do país. A guerra de resistência contra a invasão japonesa, em 1937, proporciona uma oportunidade para o PCCh se recompor. Chiang Kai-shek propõe trégua e nova aliança para combater os invasores externos.

A guerra de resistência irá terminar apenas em 1945, com a rendição do Japão no fim da 2ª Guerra Mundial aos EUA. A moral dos comunistas sai elevada, tanto internacionalmente, com as vitórias do Exército Vermelho, quanto no solo chinês, onde os batalhões liderados pelos comunistas eram identificados como os que de fato levaram o combate contra a invasão japonesa.

Stalin orienta então um novo governo de coalizão entre PCCh e Kuomintang, mas Chiang Kai-shek exige que os comunistas deponham as armas. O pacto não se confirma e inicia uma nova Guerra Civil. A proposta de reforma agrária garantiu o apoio das massas camponesas a Mao, o Kuomintang segue se desmoralizando, isso permite uma reviravolta na correlação de

forças e a tomada do poder dos centros políticos pelo Exército de Libertação Popular. Em 1949, Chiang Kai-Shek foge para Taiwan e a República Popular da China é fundada na área continental.

Não era a intenção de Mao expropriar a burguesia. Ele buscava uma aliança entre as diferentes classes. Mas, confirmando a teoria da revolução permanente, a burguesia nacional se mostra incapaz de levar à frente as mínimas tarefas democrático-burguesas nos países dominados. A República Popular da China constitui-se como um Estado operário deformado desde o seu nascimento, com diversas contradições, sem a existência de uma democracia operária, mas que garante avanços proporcionados por uma economia planificada.

A abertura da China ao capital externo, sobretudo dos EUA, patrocinada por Mao no início da década de 70, resultou no processo de restauração capitalista na China. Hoje, o proletariado chinês vive em um regime de ultra-exploração garantido pela ditadura do PCCh, que de comunista só mantém o nome.

O proletariado chinês, com tantas tradições revolucionárias, certamente saberá reorganizar suas forças para lutar contra a máfia capitalista que domina o país a serviço do capital internacional, e ser um importante elemento do combate pela revolução mundial.



Mao Tsé-Tung curva-se aos EUA e recebe o presidente Richard Nixon na China



Apenas oito mil sobreviveram à Longa Marcha (1934-1936)

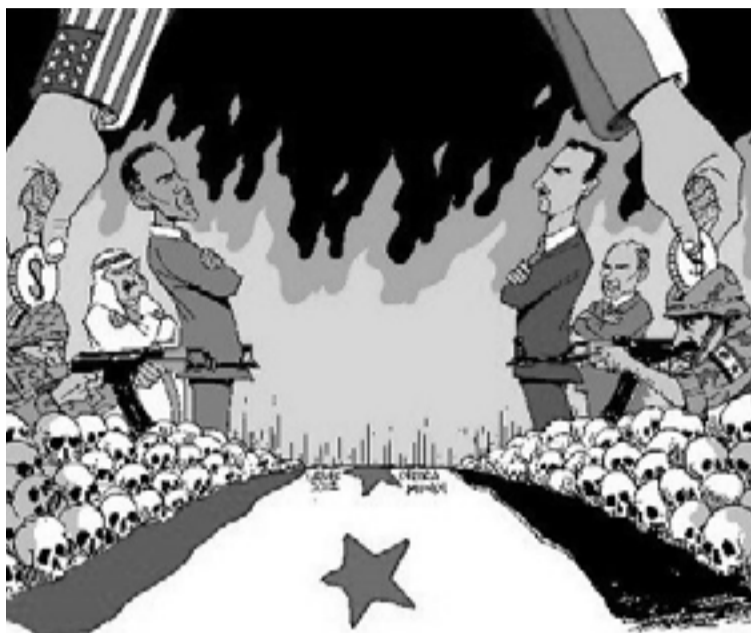
INTERNACIONAL

EUA e Rússia seguem disputa com cessar-fogo na Síria

ARTHUR PENNA
thurpena@gmail.com

As chamadas “instituições internacionais”, destinadas a resolver conflitos ao redor do mundo através do diálogo, mais uma vez mostram-se absolutamente inócuas e irrelevantes. Desde as duas guerras mundiais até os dias de hoje, os inúmeros fóruns e encontros internacionais não passam de jogo de cena para esconder o que realmente decide: a correlação de forças entre as principais potências militares.

No conflito na Síria, isso fica mais evidente do que nunca. Inúmeras reuniões entre representantes do governo de Damasco e da oposição redundaram em fracasso e, agora, um único encontro entre representantes de Washington e Moscou conseguem o que a pouco tempo parecia impossível: uma trégua de sete dias e o



início de um possível plano de paz para a região.

Mais importante do que as promessas feitas, o encontro entre americanos e russos é uma reunião das partes que de fato dirigem o conflito. Putin e o gigantesco arsenal russo são hoje a sonda que sustenta

o brutal regime de Bashar Al-Assad, cuja fraqueza é tal que o controle sobre o próprio exército regular sírio foi perdido em algumas áreas do país, o que aumenta ainda mais a incapacidade do governo de Damasco de fazer frente aos seus muitos opositores.

O papel dos EUA na catástrofe síria é ainda mais profundo. Além do apoio bélico fornecido à oposição, foi a invasão e o saque do Iraque pelo exército americano que propiciou o nascimento do Estado Islâmico, versão mais bem-acabada do radicalismo religioso que assola a região há décadas. Além disso, seus aliados locais, sobretudo Turquia e Arábia Saudita, intervêm no conflito com armas fornecidas por Washington, mas segundo seus próprios interesses.

Por esses motivos, poucos são os que acreditam que a guerra na Síria vai ter fim no futuro próximo. Membros da oposição, sobretudo os ligados ao extremismo religioso, já anunciaram que não pretendem respeitar o acordo. O próprio Assad, com sua enorme debilidade militar, não pode arriscar-se a assistir seus inimigos se fortalecerem durante uma suposta trégua.

E não são apenas os atores internos que contribuem para a paz ser um sonho distante no país. Além dos interesses geopolíticos antagônicos, os EUA e a Rússia são os maiores fabricantes de armas do mundo. Uma guerra sangrenta e prolongada significa lucros elevados e a longo prazo para as indústrias de armas, que exercem enorme influência nas decisões tomadas na Casa Branca e no Kremlin.

A guerra civil na Síria é hoje a melhor expressão da crise em que se encontra o capitalismo. A cada passo que dão, os imperialistas provocam mais mortes, miséria e sofrimento ao redor do mundo. Para encerrar este terrível ciclo de guerras e catástrofes, que as potências tentam esconder atrás do cinismo profissional dos diplomatas, somente com a transformação socialista e revolucionária da sociedade.

Obstáculos para a paz na Colômbia

JONATHAN FORTICH
jornal@marxismo.org.br

Em 26 de setembro, o governo da Colômbia e as FARC firmaram um acordo que põe fim à guerra declarada pela organização guerrilheira ao Estado faz mais de meio século. O acordo deverá ser apreciado pelos colombianos em um plebiscito que ocorrerá em 2 de outubro.

Apesar de parecer contrário à razão, existe oposição a colocar fim ao conflito. O texto estabelece reformas que pareceriam óbvias para uma democracia burguesa desenvolvida. Aqueles que dizem “não” ao acordo seguem a orientação da oligarquia latifundiária e da pequena burguesia reacionária, que encontram seu líder em Álvaro Uribe Vélez, ex-presidente e senador pelo partido Centro Democrático.

O acordo conta com o apoio do governo dos EUA, pois não representa nenhum risco para o capitalismo. As companhias minerais e petrolíferas poderão explorar as



Acordo entre Farc e governo enfrenta resistência dos latifundiários

zonas hoje controladas pelas FARC. Algo similar podemos dizer das companhias agroquímicas e de biotecnologia. Mas uma modernização do campo põe em risco a existência dos latifundiários como elite dominante. Essa insufla também o narcotráfico, e promove processos judiciais.

Sem dúvida, o principal risco do acordo é seu cumprimento. As FARC não têm como garantir isso. E nesse sentido resulta necessário garantir uma vitória contundente no plebiscito. Qualquer erro do governo pode ser aproveitado por Uribe demagogicamente para chamar alguma revolta.

É muito revelador que, enquanto começava a 10ª Conferência Guerrilheira das FARC,

grupos narcoparamilitares tomaram o poder pela força na região de Apartadó. Assim que conseguir o fim do conflito com as FARC, o governo da Colômbia terá que enfrentar o narcoparamilitarismo e a guerrilha do ELN, para perseguir seus fins capitalistas.

Para os trabalhadores e camponeses é muito importante pôr fim à guerra. Uma conciliação de classes não é possível. Apoiar os acordos de La Habana em 2 de outubro é necessário, não para alcançar a paz, mas sim para parar a violência e nos fortalecermos. Uma esquerda débil e um movimento social desarticulado abrem a via para a continuidade da opressão do capital por tempo indeterminado.

Obama tenta esconder sua política belicista

JOHANNES HALTER
haltercontato@gmail.com

Em 2009, o recém-eleito Barack Obama recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Na oportunidade, disse: “A guerra tem um papel a cumprir para a preservação da paz”. Desde então, quem não foi entretido pelo tom submisso da imprensa burguesa e da propaganda viu a atuação de um senhor da guerra.

A diferença da política externa ficou apenas nas “intenções”, pois a prática manteve a postura belicista e imperialista. No entanto, o primeiro negro a assumir a Casa Branca busca finalizar seu segundo mandato com outra marca: a de reconciliação dos EUA com outros países.

Esse é o sentido de sua visita ao Laos em setembro, a Hiroshima em maio, a Cuba em março e do acordo nuclear com o Irã, de julho de 2015. Contudo, a prática do Pentá-

gono mostra uma disposição inversa, como evidenciado pela crise migratória resultado de sua orientação para Síria, Iraque, Afeganistão, Palestina e Líbano. Mas também por sua postura com relação ao Haiti, Ucrânia, Congo, Nigéria, Paquistão e tantos outros.

Por trás da propaganda e das manchetes, está a orientação da burguesia imperialista norte-americana para garantir seus interesses capitalistas em todo o mundo. Obama, negro e “Nobel da Paz”, cumpriu o papel de executor dessa política.



Obama visita o Laos, país devastado pelos EUA

JUVENTUDE

ACAMPAMENTO REVOLUCIONÁRIO

da LIBERDADE e LUTA

DE 26 A 29 DE JANEIRO DE 2017 EM FLORIANÓPOLIS - SC

CONVOCATÓRIA

A juventude está em luta. Em junho de 2013 ocupamos as ruas e barramos o aumento das passagens. Seguimos o combate, nos manifestamos contra a redução da maioridade penal, ocupamos escolas e universidades, fizemos greves, lutamos pela permanência do PIBID, contra o aumento das mensalidades. Acompanhamos nossos professores na luta por uma educação pública e gratuita para todos no Paraná, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e em tantos outros Estados. Exigimos do governo Dilma nossos direi-

tos e combatemos seus ataques, mas dissemos não ao impeachment impulsionado pela direita. Levantamos as bandeiras pelo Fora Temer e o Congresso Nacional! Por uma Assembleia Popular Nacional Constituinte! Por um Governo dos Trabalhadores!

Em 2015 e 2016, acampamos na Fábrica Ocupada Flaskô. Foi na fábrica gerida pelos trabalhadores que nasceu a Liberdade e Luta, em janeiro de 2016, e desde o primeiro dia de existência estivemos nas lutas da juventude. Lutamos nacionalmente contra a Lei da Mordça,

infame projeto criado pela ONG Escola Sem Partido. Derrotamos esse projeto em diversas cidades desde então. Participamos das ocupações de escolas que se espalharam por mais de cinco estados neste ano. Combatemos nas escolas e universidades que estamos presentes pelas reivindicações dos estudantes.

As lutas continuarão. A cada dia assistimos os horrores proporcionados pelo capitalismo e buscamos converter a indignação em combustível para enfrentar este sistema que não pode nos oferecer nada além de guerras, fome,

exploração e miséria. A juventude está em constante aprendizado, compreendendo que é preciso construir um mundo novo.

Mas não é só no Brasil que a luta se desenvolve. Jovens e trabalhadores foram às ruas na Tunísia e no Egito (Revolução Árabe), na Espanha (Indignados), nos Estados Unidos (Ocuppy), Canadá, Chile, Inglaterra, México (pelos 43 de Ayotzinapa e contra o massacre de Oaxaca), Grécia, França (Nuit Debout)... Há chamadas de revolução em cada parte desse planeta, que não su-

porta mais o capitalismo. Queremos ver um mundo novo nascer e estamos nos organizando pra isso.

Dessa vez, o acampamento vai ser numa escola de Florianópolis, Santa Catarina. Como os secundaristas que as ocuparam, vamos mostrar que a escola é sim lugar de discutir os conhecimentos que a humanidade acumulou, para fazer ciência e arte. Queremos uma educação laica, pública, gratuita e para todos. A liberdade é nossa meta! A luta é nosso método! O socialismo é nosso futuro!



26/1/2017 (quinta-feira)

09:00-12:00 – Chegada das delegações
12:00-14:00 – Almoço
14:00-17:00 – Credenciamento, montagem das barracas
17:00-19:00 – Abertura
19:00-21:00 – Jantar
21:00-00:00 – Festa Vermelha

27/1/2017 (sexta-feira)

08:00-09:00 – Café da manhã
09:00-12:00 – Debate “As lutas da juventude no mundo” (com convidados internacio-

nais)

12:00-14:00 – Almoço
14:00-17:00 – Debate “Situação Política Nacional e Campanhas da LL”
17:00-19:00 – Formação: Socialismo e Anarquismo
19:00-21:00 – Jantar
21:00-00:00 – Apresentações culturais e Festa

28/1/2017 (sábado)

08:00-09:00 – Café da manhã
09:00-12:00 – Grupos de Trabalho: secundaristas, universitários, movimentos sociais

12:00-13:30 – Almoço
13:30-16:00 – Debate “Luta de classes e o combate ao racismo, machismo e homofobia”
16:00-19:00 – Praia
19:00-21:00 – Jantar
21:00-00:00 – Apresentações culturais e Festa

29/1/2017 (domingo)

08:00-09:00 – Café da manhã
09:00-12:00 – Plenária final (eleição da nova Coordenação Nacional da Liberdade e Luta e encerramento)
12:00-14:00 – Almoço

14:00-18:00 – Partida delegações

Quem paga a banda, escolhe a música

Alimentação, acomodação e estrutura serão bancados por nós mesmos, através da taxa de inscrição. Cada delegação deve organizar o transporte até a escola com arrecadação coletiva. Todos devem levar barraca ou colchonete, além de sua própria roupa de cama e banho.

A taxa de inscrição é de R\$ 150,00. O pagamento deve

ser feito com uma entrada de qualquer valor e pode ser parcelado em até 3 vezes (a última parcela deve em janeiro de 2017). Deve ser feito mediante depósito ou transferência bancária para:

Banco do Brasil

Agência: 4331-1

Conta Poupança: 36.929-2 (variação 51)

Em nome de: Rafael Acampamento

O comprovante de depósito ou transferência deve ser enviado ao e-mail: contato@liberdadeeluta.org